

O interior na periferia

Na sequência dos oito meses de estágio em Saúde Pública no âmbito do internato geral, em Mértola, ali regressei para o Serviço Médico à Periferia (SMP), em 1980. Abandonei a ideia de outra especialidade que não a Saúde Pública ao deparar-me com uma realidade onde era gritante a alta prevalência de doenças crónicas relacionadas com o estilo de vida, falta de literacia em saúde, pobreza e falta de acesso aos cuidados de saúde.

Logo nas primeiras consultas a linguagem mostrou ser uma questão central. Muitos se queixavam de “almareios”. Mas o que seria? O exercício da medicina ali mostrou como a escuta e a aprendizagem da cultura local eram essenciais para conhecer e responder às necessidades daquela comunidade.

Graças a enfermeiras competentes que nos apoiavam, os partos iminentes, sem tempo para chegar a Beja, eram feitos no hospital de Mértola. Os mertolenses comentavam, julgo que preocupados, mas com carinho: “Vêm aqui desemburrar-se!...”. Para além da escassez de recursos humanos, a acessibilidade era um problema num concelho vasto e com poucos transportes. A formação de elementos-chave nos “montes” para prestarem os primeiros socorros em emergências mostrou ser uma prioridade.

Os apoios de médicos especialistas de Beja não eram suficientes para colmatar as necessidades de formação e resposta no terreno. Partilhávamos informações e experiências entre os colegas, mas, para além das dificuldades de comunicação com os serviços centrais em Lisboa, sentíamos que precisávamos de uma rede de apoio mais próxima para responder às dúvidas e ao encaminhamento de certas situações.

Por morte do delegado de saúde, e não havendo mais nenhum médico local, fui nomeada subdelegada de saúde interina e presidente da Comissão Instaladora do novo hospital/centro de saúde/SLAT de Mértola. Para além da atividade clínica, teria de dar resposta a outras situações para as quais não me sentia preparada. Um dos maiores desafios que enfrentei no desempenho destas funções foi uma súbita mudança de cor do Rio Guadiana. Teve de se encontrar, imediatamente, numa concertação com a Câmara Municipal, um abastecimento alternativo de água à população enquanto era esclarecida a contaminação por cianobactérias, com o apoio do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge.

De entre situações inesperadas e que perduraram na memória, recordo uma autópsia a uma vítima de acidente rodoviário, feita numa igreja, onde se ouvia o chinar dos baloiços das crianças a brincar lá fora, entrecortado pelos seus risos infantis.

O SMP mostrou que o exercício da medicina vai muito para além do que se aprende em meio hospitalar, requerendo dos médicos competências e atitudes só possíveis de identificar e adquirir no seio da comunidade. Para além da importância de uma formação em situação, tornou-se evidente, também, a necessidade de reorganizar os serviços de saúde em função de uma maior relevância para os problemas concretos, maior eficiência e funcionamento em rede.

O SMP aconteceu numa altura em que, em Alma-Ata, a OMS reconhecia a importância dos cuidados de proximidade, os cuidados de saúde primários.

Maria Isabel Guedes Loureiro, Curso da FML de 1977, SMP de 1980-1981.